

Achei perturbadora a leitura de “Tudo é Rio”. Senti uma tristeza quase insuportável, especialmente no capítulo 4, diante da selvageria do pai que atirou o filho longe. Mas, envolvida na trama cheguei ao final mobilizada a pensar, a escrever, com vontade de ouvir outras pessoas, e de conversar, o que felizmente fizemos em nosso encontro. Todas tínhamos muito a falar! É a literatura nos convocando ao trabalho psíquico, estimulando a pensar pensamentos ainda não pensados, reparar em sentimentos adormecidos, e questionar valores!

Após a leitura, senti necessidade de organizar as ideias, e fiz uma reflexão, que não apresentei em nosso debate, mas trago aqui como uma contribuição.

Chegamos ao mundo com uma carga genética, um corpo biológico que pulsa, e em estado de desamparo; ou seja, diferentemente dos animais que já tem uma pauta instintiva de comportamento, nós humanos precisaremos de outro humano para sobreviver e para ser ... humano. A partir das primeiras relações com os pais, (Incluindo seus desejos inconscientes) vamos nos constituindo subjetivamente; a continência para angústia abre espaço para representações psíquicas, ou seja, para a transformação das sensações e emoções em algo com significado psíquico, o que evolui para o pensamento simbólico, e para a linguagem. Assim são construídas as redes associativas, que dão colorido especial e único ao que cada um vive a partir de seu repertório inato e da interação e acolhimento que recebe de seus pais, portadores da cultura em que vivem. É a capacidade de pensar, de simbolizar e de expressar ideias e sentimentos em palavras que nos permite dar sentido à experiência vivida e mediar o circuito do impulso à ação.

A trama de Lucy e Venâncio nos transporta para um mundo onde impera a crueza das sensações. Aparentemente sem conflito, sem transformações. Os impulsos sexuais e agressivos, são postos em ato, sem a mediação de pensamentos, sem palavras, e sem ligação à objetos. As pessoas não importavam. Para Lucy, podia ser qualquer um, desde que ela experimentasse o gozo de se sentir poderosa, e o prazer sexual, em um corpo onde as partes ganhavam vida própria. Para Venâncio, sua querida Dalva não teve existência em sua mente e em seu coração, quando o ódio provocado pelos ciúmes não encontrou nenhum filtro, nem um limite, e jorrou com violência mortífera.

Mas, será isso mesmo? Com quem Lucy transava em fantasia? Com seu tio? Sua sexualidade exacerbada ocupava o lugar do afeto perdido, do afeto negado? Seria um desafio dirigido à tia, triunfo diante das humilhações e exclusões sofridas? Era um grito de liberdade? A Lucy amorosa, capaz de bordar a roupinha do João, e de querer vê-lo bem cuidado nos braços de outra mãe, seria outra pessoa?

E Venâncio? Em seus momentos de loucura, talvez fosse assaltado pela criança que tinha sido. Daí, revivia a violência sofrida, e agia em função da crença na impossibilidade de um filho e um pai poderem coexistir. Na tragédia grega, Laio manda matar Édipo por acreditar que ele o mataria, e Édipo realmente o mata, por não ter lugar para passar no despenhadeiro, e ter sido empurrado para fora da estrada.

Ou seja, não é Dalva que está apanhando... não é seu filho que está sendo arremessado, ele está imerso em um desespero delirante, ferido de morte, no sentido de se achar inexistente para o ser amado, empurrado desfiladeiro abaixo. Mas, fora esses

momentos, Venâncio é amoroso e sensível. Seria também outra pessoa o que faz as caixinhas, presenteia a amada, e brinca amorosamente com o filho bebê de Lucy?

Outro ponto a ressaltar é o perdão. Ouvi uma fala da Carla, na qual ela diz que tem sido muito questionada sobre a romantização da violência. Afinal o que Venâncio fez seria perdoável? Não seria o caso de denúncia e prisão? Perdoar não é ser conivente? Ela esclarece que pensa o perdão como libertador para quem perdoa e não para quem é perdoado, mesmo porque Venâncio sofreu sua punição. Sentiu o peso da consequência de seu ato. Mas, basta? Como não nos indagarmos sobre a relativização da violência, como desconhecer o sofrimento, o trauma, as sequelas, as marcas na alma? Contudo, a literatura não precisa passar uma lição de moral e nem tem objetivos pedagógicos, cumpre sua função ao suscitar questões e emoções, e fazer pensar.

Penso que a riqueza deste livro, é mostrar a imensa complexidade da existência: paixões, sofrimento, ambivalência, conflito, amor, esperança, superação. E, em 'Tudo é Rio', tudo isso é humano.